



## Hélio Oiticica – Museu É o Mundo\*

Beatrice Martins e  
Luciana Grizotti

Resenha da exposição Hélio Oiticica – Museu É o Mundo, montada simultaneamente no Paço Imperial e na Casa França-Brasil, Rio de Janeiro, de 12 de setembro a 21 de novembro de 2010 e incluindo ocupações pela cidade do Rio de Janeiro, a saber: Praça do Lido, Parque do Flamengo, Praça XV, Central do Brasil e Centro Cultural Cartola – Mangureira.

Hélio Oiticica, suprassensorial, *campus* experimental.

\* Resenha recebida em outubro de 2010 e aceita para publicação em novembro de 2010.

Para quem nunca havia tido contato com a obra de Hélio Oiticica (e também para quem já a conhecia) a exposição Hélio Oiticica – Museu É o Mundo foi um deleite sensorial e experimental; afinal, não é todo dia que podemos vestir parangolés, caminhar por penetráveis e ainda mexer em bólides.

A exposição aconteceu simultaneamente no Paço Imperial e na Casa França-Brasil, no Centro do Rio de Janeiro. O trânsito de pessoas na Praça XV é muito intenso e variado, aproximando assim Hélio Oiticica do público que ele procurava sensibilizar. Todos que se permitiram vivenciar as obras de Oiticica saíram de lá de alguma maneira tocados pelas vastas experiências sensoriais proporcionadas.

Eram cerca de 90 obras distribuídas entre os espaços. Obras famosas como *Núcleos*, *Bólides*, *Metaesquemas* e *Parangolés* atraem a atenção quase que imediatamente. São ícones do trabalho do artista, que muitos visitantes só tinham visto nos livros de história da arte.

Parte da exposição que ocupou o Paço Imperial era guiada por textos do próprio artista que, além de abordar as obras, explicitam seu caráter experimental e lúdico. Durante todo o circuito podia-se perceber relação muito estreita entre o artista e o título de suas obras, como se, para Oiticica, os títulos dos trabalhos fossem um aspecto fundamental deles, parte da obra. Já as obras que estavam na Casa França-Brasil têm caráter mais sensorial.

A exposição tinha início no Paço Imperial, que contou com maior número de obras, como em ordem crescente de vida e de produção, até chegar à Casa França-Brasil onde estavam, por exemplo, *Éden* e o parangolé *Capas feitas no corpo* para experimentar, sentir, tocar e vivenciar.

*Macaleia*, 1978. Paço Imperial, 2010. Foto: Jovita dos Santos.

Nessa exposição encontravam-se além do vídeo *Invenção da cor*: um passeio por um penetrável, um labirinto com paredes em cores quentes e texturas no chão, diversas obras que propõem o jogo entre objeto, pessoa e reflexo em espelho, como o núcleo NC1, que propõe o relevo espacial com grafismos em madeiras penduradas e por *Metaesquemas*: primeiras tentativas de Oiticica de romper com o quadro. “Porque o espaço é pintura. Então *Metaesquema* é isso: uma coisa que fica entre. Que não é pintura, nem desenho, mas na realidade uma evolução da pintura.”<sup>1</sup>

1 Oiticica, Hélio. Citado em uma das paredes da exposição.

A declaração “o espaço é pintura” desvelava-se verdadeiramente quando o espectador se deparava com os vários penetráveis espalhados pela exposição. Em meio a todo o seu experimentalismo, Oiticica procura transcender a pintura. Seus *Bólides*, além de objetos de cor, são chamados pelo próprio artista de “transobjetos”. Os *Metaesquemas* são espaços de cor que remetem a espaços arquitetônicos. Já os *Parangolés* são a antiarte por excelência: a obra no corpo e o corpo na obra. Ao mesmo tempo, ao caminhar pelos *Penetráveis* não se pode ignorar a sensação de estar andando *Metaesquemas* adentro. Sendo assim, para o artista os trabalhos são maquetes pelas quais as pessoas adentram a obra, uma imersão no universo com a exploração dos cinco sentidos do corpo humano.

Acostumados com exposições cujas obras que convidam à intervenção acompanham placa solicitando “não toque a obra”, torna-se normal o receio diante da possibilidade de tocar e intervir. À pergunta “Pode mexer?” seguia-se a surpresa perante um dos monitores respondendo positivamente.

Em *Rhodislândia* pisam-se pedras, passa-se por tecidos, podendo tocar um piano localizado no centro da sala. A junção de todos os aspectos do trabalho com sua sensibilidade aguçada perante coisas cotidianas, como pisar pedras, torna-se prazeroso exercício da percepção e da liberdade de poder tocar aquilo que, normalmente, dentro de um museu, não poderia ser tocado.

Seguia-se, como se fosse continuação de *Rhodislândia*, a instalação *Tropicália*. São pequenos penetráveis com cores e texturas diferentes, sobre um chão de areia. Ao fundo uma enorme gaiola com um papagaio vivo dentro: é o penetrável PN2 *A pureza é um mito*. *Tropicália* é como um pedaço do Brasil, tropical como o Brasil com casas, praias e pássaros.

O espectador que visitou a exposição em dois momentos diferentes se surpreendeu ao deparar-se com uma corda impedindo o acesso a *Tropicália*. A explicação? “Esta obra está interdita em virtude de decisão judicial obtida pela Prefeitura do Rio de Janeiro. Exibi-la sem os pássaros seria uma traição ao seu autor.” Justamente os papagaios de PN2 *A pureza é um mito*, que tanto transmitiram a sensação de Brasil.

Obras como *Seja herói, seja marginal* denunciam seu envolvimento com marginais. Marginal no sentido de quem vive de fato à margem. (É do conhecimento de todos a relação do



2 Holanda, Heloísa Buarque de; Pereira, Carlos A. M. *Patrulhas ideológicas*. Rio de Janeiro: Ed. Brasiliense, 1980.

artista com o Morro da Mangueira). Mais do que levar a arte para o povo, o artista clamava a participação do povo na arte. Oiticica fazia a tradução do construtivismo internacional para um construtivismo favelar. “Só o experimental é o que interessa (...) não é nem dizer que eu parei de pintar... não foi isso, eu acabei com a pintura. É totalmente diferente.”<sup>2</sup>

Já na Casa França-Brasil e, logo de início, todos eram convidados a entrar passando pelos tubos azuis de plástico do *Penetrável da Gal*. Bela maneira de imergir na obra de Oiticica: vivenciar essa materialidade da cor.

Em seguida encontrava-se o famoso *Éden*, e o espectador-participador era convidado a tirar os sapatos antes de entrar nesse verdadeiro jardim sensorial com o chão coberto de areia e carpete, onde diversos penetráveis proporcionaram um momento de liberdade e de experimentação do corpo. Em *Ninhos* caminha-se sobre livros e revistas, espuma, colchões, folhas... E tem-se a sensação de estar pisando o que não devia. *Mito* é estrutura de madeira em forma circular, que lembra uma espiral; *Canabiana*, uma tenda amarela com cacos de tijolo, ao lado de *Lololiana*, uma tenda azul com folhas; mais adiante, *Iemanjá*, uma tenda branca com água. Em virtude da relação dos trabalhos de Oiticica com seus títulos, atentamos aqui para os nomes dos penetráveis. A relação entre as drogas, e mais uma vez o marginal, também se faz presente aqui.

O *Éden* é *campus* experimental em que as experiências humanas são permitidas e, para o artista, é a personificação do conceito de “suprassensorial”: transformar processos de arte em sensações de vida. Nele, o participante irá elaborar dentro de si mesmo suas próprias sensações.

Conversar com um dos monitores foi outro aspecto interessante da exposição: a monitoria experimental. Ali o monitor não era alguém que detém a verdade, mas alguém que estimula um raciocínio acerca da experiência de cada um na exposição. As discussões geradas pela percepção do espectador são ainda postadas em um blog<sup>3</sup> e discutidas por outros monitores; dessa forma, novos discursos podem ser construídos e debatidos.

3 [experienciasnolabirinto.blogspot.com](http://experienciasnolabirinto.blogspot.com)

É ainda na Casa França-Brasil que está o penetrável *Capas feitas no corpo*, possibilidade de criar seu próprio parangolé e vesti-lo. A exposição conta ainda com dois vídeos do artista, *Agripina é Roma Manhattan* e *Brasil Jorge*, além do penetrável *PN 27 “Rijanviera”*. E, apesar de ser um espaço menor, foi lá que a obra de Oiticica pôde ser realmente experimentada.

Dos diversos penetráveis espalhados pela cidade do Rio de Janeiro, o *PN 16* (ou *PN Nada*), que está localizado na Praça XV é o que mais chama atenção. Num labirinto completamente negro, Oiticica propõe ao espectador o encontro consigo mesmo, em um deslocamento da vida real fora desse labirinto. O intrigante é que, ao sair da obra experimenta-se de fato a sensação de desorientação, como se o mundo lá fora tivesse sido colocado em segundo plano.



Ao longo de todos os trabalhos de Hélio Oiticica apresentados nessa exposição é possível perceber a problematização do conceito de arte tido como absoluto na época. Hélio trouxe para o museu objetos e materiais da vida cotidiana, explorou o corpo através de seus cinco sentidos e levou o museu para as ruas, da mesma forma que trouxe as ruas para o museu. Talvez por esse motivo o título da exposição seja *Museu É o Mundo*, com *é* maiúsculo; uma constatação que se faz verdadeira após a vivência que ela propõe.

*Parangolés* sendo vestidos pelo público. Paço Imperial, 2010. Foto: Beatrice Martins.

**Beatrice Martins** (UERJ, Petrópolis, Brasil) é graduanda em História da Arte pela UERJ. Bolsista da revista *Concinnitas*. / bea.volgari@gmail.com

**Luciana Grizotti** (UERJ, Niterói, Brasil) é graduanda em Artes Visuais pela UERJ. Bolsista da revista *Concinnitas* e graduada em Comunicação social / Publicidade e Propaganda pela Universidade Estácio de Sá. / lugrizotti@gmail.com